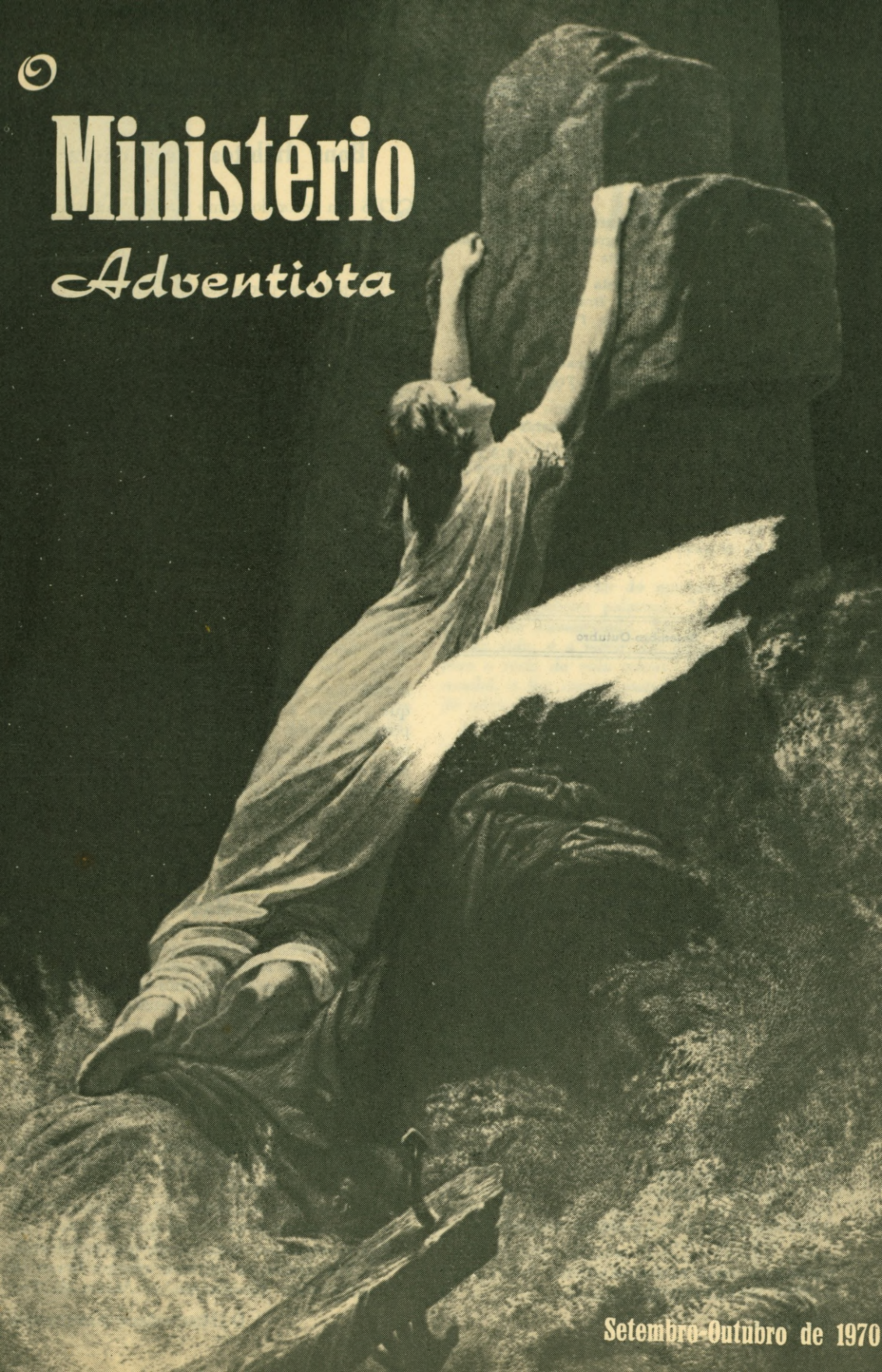




Ministério

Adventista



Setembro-Outubro de 1970



Orgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

2015

Ano 36 Setembro-Outubro N.º 5

NESTE NÚMERO

CAPA: © Review and Herald Pub. Assn.

ILUSTRE SEU SERMAO	2
EDITORIAL	
FALSAS JANELAS Enoch de Oliveira	3
EVANGELIZAÇÃO DAS CIDADES GRANDES Teodoro Carcich	4
JUSTIFICAÇÃO E SALVAÇÃO — I Albino Marks	6
PASSOS DO PREGADOR BATISMOS E CORPOS DE BOMBEIROS Ron Runyan	8
O SIGNIFICADO DO "SANGUE" NO SANTUÁRIO — I Léo Ranzolin	10
LUTERO O PREGADOR — I W. M. Landeen	13
O PODER DA PALAVRA Jeanete T. Worth	14
O QUE É E O QUE NÃO É A ESPÓSA DO MINISTRO Célia M. Cleveland	17
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA O JUÍZO INVESTIGATIVO	18

ILUSTRE O SEU SERMAO

Bons Hábitos de Leitura

SOIS um leitor do termo médio? Em caso afirmativo, lereis cerca de 300 palavras por minuto. Se mantiverdes o hábito de ler apenas 15 minutos ao dia, lereis 4.500 palavras diariamente, 31.500 palavras por semana, 126.000 em quatro semanas. Um livro tem na média 75.000 palavras. Num ano, lendo apenas 15 minutos por dia, poderão ser lidos cerca de 20 livros. É boa porção de livros, e no entanto isso é possível facilmente. Ilustremos:

O Dr. Guilherme Osler é afamado entre os grandes médicos do mundo. A maioria dos médicos de hoje usou compêndios seus de medicina. Era médico muito atarefado, lente catadrático e especialista em pesquisas médicas. Entretanto achava tempo para ler, não só obras de sua especialidade, mas relativas a muitos ramos de saber. Adquiriu conhecimentos muito amplos em muitos setores do saber, graças ao hábito que adquirira, de ler 15 minutos por dia. Quer se recolhesse ao leito às dez horas da noite ou às duas da madrugada, nunca deixava de ler por 15 minutos, antes de deitar-se.

Se o Dr. Guilherme isso pôde fazer, não poderíeis vós seguir um plano semelhante? Tudo que precisais é a decisão de ler. Com isso não permitireis que coisa nenhuma interfira nesses preciosos momentos de leitura. Cuidai de cada segundo. Lereis metade de um livro por semana, dois livros por mês, 20 por ano, e mil ou mais durante a vida.

C. F. ADAMS

(*The Ministry*, jan. 1970)

Não

- NÃO** consideres um direito para ti, o que julgas ser uma usurpação para os outros.
- NÃO** dividas em duas partes o valor da vida, empregando apenas metade do tempo de forma útil.
- NÃO** coloques ganhos desonestos na mala que preparas para ir ao Céu.
- NÃO** peças emprestada a faca do vizinho para descascar uma maçã, para depois a comeres sozinho.
- NÃO** julgues que os outros preferem sempre ouvir-te do que falarem êles mesmos de vez em quando.
- NÃO** despertes suspeitas dos outros fazendo contínuos protestos da tua justiça.
- NÃO** te esqueças, também, de que o Sol cumpre fielmente vinte e quatro horas de trabalho, diariamente. — *Mens. da Paz.*



EDITORIAL

Falsas Janelas

No último Editorial (Púlpitos e Janelas) destacamos o valor das ilustrações na exposição dos grandes temas da fé. Elas apelam ao poder da imaginação e ajudam a congregação a ver com os olhos da mente a mensagem apresentada pelo pregador.

Creemos, agora, oportuno considerar a impropriedade do uso de histórias inautênticas, ilustrações inverossímeis e citações espúrias.

Na eloqüência sagrada há um lugar legítimo para a invenção (no sentido técnico), "a ilustração hipotética." Mas, quando a ilustração é apresentada com visos de verdade, o pregador tem a obrigação indeclinável de apresentá-la em forma correta, sem as distorções e exageros que, anuíde, comprometem a integridade da pregação.

Há histórias contadas em nossos púlpitos que pecam pela falta de veracidade; são janelas falsas, carecem de autenticidade.

Quem ainda não leu ou ouviu em reuniões de evangelismo a história conhecida como "A Tumba Aberta de Hannover"? Esta é geralmente contada da seguinte maneira:

"Há cem anos vivia na cidade alemã de Hannover, uma ímpia condessa chamada Carolina de Rueling. Por não acreditar em Deus e na vida futura, esta ímpia mulher expressou o desejo de ser sepultada em uma tumba que jamais pudesse ser aberta nem pelos homens, nem mesmo por Deus! A sepultura deveria ser coberta por um bloco de mármore. Sobre grandes pedras ligadas por cintas de ferro, e contendo esta inscrição: 'Este túmulo foi comprado por toda a eternidade. Jamais será aberto.'"

"Aconteceu — providencialmente talvez — cair uma semente de bétula numa fenda existente entre as maciças pedras. Não demorou que ela estendesse para cima um tenro broto, ao mesmo tempo que uma pequena raiz abriu caminho bem fundo no interior, entre as enormes pedras. Lenta e imperceptivelmente mas com irresistível poder, a árvore cresceu, até que afinal suas raízes partiram as cintas de ferro e abriram esta tão bem cerrada tumba, sem deixar uma única rocha em sua anterior posição."

Mas, eis a verdade sobre a famosa tumba:

O monumento é um bloco de pedra, sem arte, erigido em dois planos. Sobre o bloco existe uma inscrição cinzelada, em que se lê: "Henriqueta Juliana Carolina von R., nascida em Nienburg, em 19 de janeiro de 1756, e falecida em 15 de abril de 1782." E segue a inscrição: "Deu à luz três filhos para o Céu. Trilhou o caminho da vida como o está trilhando no Céu, e foi privilegiada com a abreviação de sua partida para a Pátria."

Na parte posterior do monumento se encontram as seguintes palavras: "A separação é o destino da humanidade. Ser deixado só, tão cedo na vida, é a maior das angústias. Só ficam para o resto da vida trevas, morte e o raiar da manhã, e luz eterna quando nos encontraremos de novo. George Ernest von R."

Em um dos degraus de granito estão cinzeladas estas palavras: "Este sepulcro foi comprado a perpetuidade. Proibido abri-lo." Isto significa que os restos mortais ali depositados não poderão ser trasladados para outro lugar, nem o local usado para outro sepultamento, porque foi comprado para jazigo perpétuo. Existia em quase todas as cidades alemãs o costume de usar-se após alguns anos o mesmo lote de terra dos cemitérios para o sepultamento de outro morto.

A célebre inscrição, pois, nada tem a ver com a fé ou a suposta incredulidade da falecida, pois estaria em flagrante contradição com as outras inscrições.

Da leitura das diversas inscrições sobre a tumba de Hannover, inferimos que a Sra. Henriqueta Juliana Carolina von R., não era atéia, e que nem ela ou o seu esposo tinham a intenção de desmerecer o dogma da ressurreição.

Evidentemente a história conhecida por muitos como "A Tumba Aberta de Hannover" constitui uma ilustração inverossímil, falsa janela através da qual pregadores bem intencionados, porém mal informados, pretendem lançar luz sobre a esperança de vida futura.

Há algumas décadas atrás, os círculos adventistas foram sacudidos pela notícia de um su-

(Continua na pág. 20)

“Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, mas de Deus.” II Crôn. 20:15.

Evangelização das Cidades Grandes

TEODORO CARCICH

Vice-Presidente da Associação Geral

NAS cidades grandes o tempo de que dispõe o povo é disputado febril e devastadoramente. Em bom português: Evangelista algum tem a mesma capacidade de atrair a atenção numa cidade como o Rio de Janeiro ou S. Paulo, que êle tem de consegui-lo numa cidade menor. Apesar da publicidade especial que se faça, uma campanha de evangelização numa metrópole tende a ser absorvida por multidão de acontecimentos seculares.

Nestas circunstâncias, que faremos? Recuaremos, abandonando as cidades grandes, por motivo de suas inerentes complexidades e desafios?

O ânimo e a determinação com que atacamos a evangelização urbana bem podem determinar o crescimento futuro da igreja. Calcula-se que em 1980 a grande maioria do povo estará vivendo nas cidades grandes. A igreja que relaciona eficazmente seu programa evangelístico com a área metropolitana não só alcançará as massas com a sua mensagem mas também se manterá em crescimento.

Nosso Senhor passou boa parte do tempo nas cidades dos Seus dias. Amava particularmente Jerusalém. Regista a Escritura que Êle duas vêzes chorou, uma vez por ocasião da morte de Lázaro e a outra sôbre a cidade que amava.

Paulo também baseava suas estratégias evangelísticas nas cidades-chave de seu tempo. Qual sábio general promoveu o trabalho em Jerusalém, Antioquia, Éfeso, Corinto, Tessalônica e outras cidades, tornando-as baluartes para a expansão de suas operações.

Possuía-o também a paixão de pregar a mensagem da cruz em Roma — o eixo do império. Realizando afinal êsse desejo, escreveu de Roma: “Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César.” Filip. 4:22.

Eis aí a evangelização metropolitana em seu ponto mais alto. Paulo plantou o estandarte de Cristo não só na cidade principal do império, mas também no lar principal daquela cidade.

Além dos exemplos citados, Ellen G. White

tem muito a dizer acêrca de nossa responsabilidade em relação às cidades grandes (*Evangelismo*, págs. 25-44, 384-406). Qualquer que leia essas impressionantes mensagens verá claro o que Deus deseja que façamos nas cidades grandes. Por certo que o propósito de Deus é tudo, menos um êxodo em massa, da igreja para os subúrbios.

Consoantemente, tôda vez que consideramos a evangelização metropolitana, deparam-se-nos três fatores, em alto relêvo. Primeiro que tudo, qualquer medida de êxito numa campanha cidadina requer correspondentemente mais poder do Espírito Santo, mais oração unida, mais testemunhar de casa em casa por fiéis membros leigos, mais expressa compaixão para com os pobres, e mais interêsse nos problemas que assaltam o solitário habitante de apartamento e o sofrido morador dos guetos ou favelas. Em suma: isto requer um interêsse cristão genuíno e perseverante no indivíduo muito antes do início da campanha.

Em segundo lugar, requer-se mais tempo para planejar, orar e preparar-se para uma campanha de cidade grande, do que se gasta na campanha propriamente dita. A propósito: uma campanha de cidade grande não termina quando o evangelista cessa a pregação. A terminação da campanha de pregação é o comêço de um bem planejado e eficiente trabalho de cuidar dos interêsses. Isto é tão decisivo, para o êxito da campanha, como o preparo para ela.

Uma campanha evangelística de cidade grande, afinal, requer o uso de todos os recursos que o Céu e a igreja possam prover. Por certo que temos que tomar em conta a Deus e ao Seu conselho, juntamente com tôdas as atividades da igreja, a cada estágio do planejamento e da execução. Em uma cidade grande, mais que em qualquer outro lugar, homem algum é uma ilha. É numa campanha de evangelização de cidade grande que nos apercebemos vivamente de que “a batalha não é vossa, mas do Senhor.”

Sem violentar seu conteúdo bíblico e objeti-

vos, na evangelização citadina poder-se-ão acentuar as preocupações legítimas do público. Mais que outra qualquer geração, preocupa-se a atual com os jovens. Qualquer organização que participe dessa preocupação com os jovens de hoje, atrai imediatamente a atenção do público. Na maioria das vezes essa espécie de atenção sobrepõe a multidão de atividade secular que de ordinário absorve a publicidade evangelística que se costuma fazer.

Por que não usar as maneiras que a igreja organizou cuidadosamente para expressar sua preocupação com os pré-adolescentes e adolescentes, num preparo de longo alcance para a evangelização urbana?

Onde fôr possível, as Escolas Cristãs de Férias, os acampamentos, as clínicas de Deixar de Fumar em Cinco Dias e as classes de enfermagem doméstica podem ser suplementados por classes de auxílio às crianças paraplégicas ou outras, classes industriais para meninos, classes de trabalhos domésticos para meninas e clínicas de conselhos aos pais e adultos jovens acêrca do bem-estar de seus filhos.

É evidente que essa espécie de programa requer a coordenada cooperação do pessoal das atividades educacionais, médicas e de publicações. Seria possível que semelhante ação de uma comunidade religiosa escapasse à atenção dos líderes comerciais, sociais e religiosos da cidade? Dificilmente!

Qualquer programa que contribua para formar cidadãos de responsabilidade e que promova o respeito às leis e à dignidade humana, atrairá forçosamente a atenção dos líderes cívicos. Sem que o saibamos, homens e mulheres que ocupam altas posições, muitas vezes elogiam a mensagem evangélica e a investigam, depois de testemunhar nossa preocupação pelos menos afortunados.

Enquanto essa demonstração de cristianismo prático esteje em andamento, os colportores-evangelistas poderão empenhar-se numa saturação maciça da zona, com literatura evangélica adequada, ampliada pelo movimento da "A Bíblia Fala," dos membros leigos. Esses dedicados obreiros visitam mais lares e oram com mais pessoas do que qualquer outro grupo de obreiros entre nós. Sua participação na evangelização citadina é indispensável.

Portanto, quando o evangelho é proclamado com semelhante alicerce, podemos estar razoavelmente

certos de que a mensagem irá ter alto e bom som ao público em geral. Possivelmente é a primeira vez que eles não só ouvem mas mesmo vêem o evangelho eterno na prática.

Que é que nos detém?

Básicamente nossas congregações citadinas se ressentem da falta da dinâmica evangelística e precisam reaver a confiança em seu Senhor na mensagem divina para nosso tempo, e em si mesmos. Em outras palavras, as igrejas carecem de um despertamento, um avivamento. Sob a influência das impressionantes pregações bíblicas e da guia do Espírito Santo, nossas igrejas citadinas (e tôdas as outras, enfim) precisam ser preparadas, educadas e fortalecidas antes de se poderem dedicar aos que necessitam de seu auxílio.

Em vista disso, as uniões e associações locais talvez precisem de comissões de inspeção que definam de novo, adequadamente, sua missão evangelística citadina e seus objetivos. Talvez julguem necessário reformular sua estrutura evangelística em relação às necessidades do povo das cidades, de modo que os testemunhos evangelísticos verbais repousem sobre base sólida de ação missionária intensiva.

Participação, e não emaranhamento deve ser a divisa das igrejas citadinas. Cada mesa da Associação e comissão da igreja deve constantemente buscar o melhor método de apresentar um equilibrado regime do amor divino, ao maior número de pessoas num distrito urbano. A evangelização numa cidade grande é programa do ano todo.

Caso falhe um método dado, não devem os líderes da Associação e da igreja hesitar em elaborar outro método de comunicação do evangelho. Em alguns distritos urbanos recolheu-se boa colheita trabalhando pelos de origem estrangeira. A experiência demonstra que os grupos minoritários correspondem de pronto à bondade cristã e aos apelos do evangelho. Portanto, de preferência a passar de novo pelo solo pedregoso, por que não lançar a semente do evangelho em solo mais fértil?

Mas, seja qual fôr o método usado, seja êle de modo a dar a impressão de que êsse pregador e sua igreja se preocupam com o indivíduo, tanto antes como depois que êle se integra na igreja. Todos nós precisamos ter em mente que somente quando se sente o amor a mensagem é ouvida. — *The Ministry*, jan., 1970.

Justificação e Salvação - I

ALBINO MARKS

Capelão do Hospital do Pênfigo

COMO Somos Justificados — “Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Cristo Jesus, também nós temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado.” Gál. 2:16.

Há certas doutrinas bíblicas que são bem mais fáceis viver do que explicar. A justificação pela fé é uma destas doutrinas. Desde o início do movimento adventista tem havido celeuma em torno deste fato, em verdade muito importante na experiência cristã.

De relance analisemos os passos que formam o conjunto do ato da justificação:

a. (Rom. 2:4) O amor de Deus gera o arrependimento. Verdadeiramente nada podemos fazer para nos justificar. Unicamente podemos ACEITAR ou REJEITAR a oferta de Deus. Por nascimento somos escravos do pecado. Pela justificação podemos tornar-nos servos da Justiça, tal como pelo processo de naturalização podemos mudar de nacionalidade. O desejo desta mudança é o fruto do amor de Deus por nós. “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro.” I S. João 4:19.

“Muitos se acham confundidos quanto ao que constitui os primeiros passos na obra da salvação. O arrependimento é considerado uma obra que o pecador deve realizar por si mesmo, a fim de poder chegar a Cristo. Pensam que o pecador deve por si mesmo conseguir a habilitação para obter a bênção da graça de Deus. Mas, conquanto seja verdade que o arrependimento deve preceder o perdão, pois é unicamente o coração quebrantado e contrito que é aceitável a Deus, o pecador não pode produzir em si o arrependimento, ou preparar-se para ir a Cristo. . . . O primeiro passo em direção de Cristo é dado graças à atração do Espírito de Deus; ao atender o homem a êsse atraindo, vai ter com Cristo a fim de que se arrependa.” — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, pág. 390.

Isto está muito bem ilustrado na parábola do filho pródigo. O amor do pai despertou-lhe os sentimentos adormecidos e atraíu-o, gerando o desejo de arrependimento, confissão e reconciliação: “Levantar-me-ei e irei ter com meu pai

e lhe direi: Pai, pequei contra o Céu e diante de ti. . . .” (S. Luc. 15:18.)

b. (Rom. 3:24) O arrependimento torna eficaz a graça perdoadora de Deus em Cristo. A graça é a fonte de justificação. Dela jorra abundante o perdão divino.

Mérito algum é apresentado pelo pródigo. Confia tão-somente no amor paterno, e numa rendição incondicional lança-se aos pés do amante Pai. . . . Oh, profundidade, grandeza e maravilha do amor divino! Mal os nossos trôpegos passos se voltam em direção ao lar, e Ele vem correndo para abraçar-nos, e beijar-nos com seu beijo de perdão. Nada, absolutamente nada temos para apresentar a fim de receber as vestes de filhos. Todavia, elas nos são ofertadas e nelas somos envolvidos. Somos filhos. Isto é graça.

c. (Rom. 3:28) A graça desperta a fé, o método de justificação. Quando o filho se lançou aos pés do pai, apenas desejava receber abrigo como jornaleiro. No entanto, segundo o relato inspirado, não pôde completar sua confissão e petição premeditada. Em muda eloquência, os braços do pai o envolveram e estreitaram com tamanha afeição de amor, que dissiparam tôdas as dúvidas quanto a sua aceitação como filho. Perdeu tôda a argumentação para arrazoar com o pai sobre os bens esbanjados, sua condição estropiada. Tão-somente creu no amor do pai.

Compreendendo nada ser possível fazer para nos justificar, assoma espontânea e insistente, a inquiridora pergunta: “Que devo fazer para que seja salvo?” (Atos 16:30.) A resposta aponta para o tôpo do Calvário, onde um dia inesquecível sangrenta cruz fôra erguida: “Crê no Senhor Jesus, e serás salvo.” (Vs. 31.) Não podendo resistir a esta estupenda manifestação de graça, caímos genuflexos e exclamamos: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé.” (S. Mar. 9:24.)

“A fé que é para salvação não é uma fé casual, não é o mero assentimento do intellecto, é a crença arraigada no coração, que abraça a Cristo como Salvador pessoal, com a certeza de que Ele pode salvar perfeitamente aos que por Ele se chegam a Deus. Crer que Ele salve a outros, mas não vos salvará a vós não é fé genuína; mas quando a alma se apóia em Cristo como a

única esperança de salvação, então se manifesta fé genuína.” — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, pág. 391.

d. (Rom. 5:9) A fé nos induz a aceitar o sangue de Cristo, o meio justificador. O príncipe reconheceu não possuir méritos para ser recebido como filho, queria apenas ser servo. Todavia, a grandiosa manifestação de graça do pai, fê-lo quedar mudo e maravilhado. Recebeu as vestes de filho, não por méritos, mas pela fé no amor do pai. Sua ingratidão fôra enorme, contudo o amor perdoou a culpa e pagou o resgate. Humilhado e contrito recebe a filiação para a qual não pôde apresentar mérito algum.

A parábola culmina com a morte de um novilho cevado, o preço do resgate: “Porque êste meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.” (S. Luc. 15:24.) Porque sem “derramamento de sangue não há remissão.” (Heb. 9:22.)

Assim, pela fé confessamos os nossos pecados e o sangue de Jesus nos purifica de tôda a injustiça. (I S. João 1:9.) Lavados no sangue de Jesus, somos envolvidos em Sua justiça e considerados como nunca havendo pecado, e Deus nos declara justos. “O Senhor imputa ao crente a justiça de Cristo e perante o universo o pronuncia justo.” “A imputação da justiça de Cristo vem mediante a fé justificadora.” — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, págs. 392 e 397.

e) Aceitando o sangue de Jesus, sentimos a necessidade em dar expressão ao nosso amor. O sangue revela-nos o preço de resgate, pago para nos remir da condenação da Lei; mostra-nos o quanto pesou no coração de nosso amante Pai um ato de desobediência, e somos induzidos a amar, demonstrando-o pela obediência à Lei. “Esta fé leva seu possuidor a colocar em Cristo tôdas as afeições da alma; seu entendimento fica sob o controle do Espírito Santo, e seu caráter é moldado segundo a semelhança divina. Sua fé não é morta, mas sim que opera por amor, e o leva a contemplar a formosura de Cristo, e a tornar-se semelhante ao caráter divino.” — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, págs. 391 e 392.

Desejamos dar ênfase a alguns pontos nesta altura: Pela fé no sangue de Jesus, Deus nos declara justos, isto é, em harmonia com a justiça. Portanto precisamos saber o que é a justiça.

Citando Salmo 14, o apóstolo Paulo diz em Rom. 3:10: “... não há justo, nem sequer um.” Por que não há um justo sequer? Paulo responde no verso 23: “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.” Sim, não há um justo porque todos pecaram. Vêm-nos a pergunta: o que é pecado? O apóstolo João responde em sua primeira carta, cap. 3 verso 4: “Todo aquêle que pratica o pecado, também transgredir a lei: porque o pecado é a transgressão da Lei.” Portanto pecado é a desobediência

aos ditames da Lei. Mas, o que é a Lei? Em Sal. 119:144 e 172 temos a seguinte categórica afirmação: “Eterna é a justiça dos Teus testemunhos...”; e “... todo os Teus mandamentos são justiça.” Logo, a Lei é a justiça eterna.

Em Rom. 6:18, Paulo faz esta importante declaração: “e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.” Portanto temos: Pecado é a transgressão da Lei; a Lei é a justiça eterna; libertados do pecado somos feitos servos da justiça, seja, servos da Lei.

Para haver a permuta de escravos do pecado para servos da justiça, a questão é: Quem nos justifica? A Lei? Respondemos categoricamente: NÃO! A Lei é a justiça eterna em código, e um código não pode justificar. A justificação implica num ato, e ato é a obra de um ser consciente, inteligente e pensante. Então, quem nos justifica? Paulo responde em Rom. 3:24: “Sendo justificados gratuitamente, por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus.” Portanto a justificação é um pronunciamento de Deus a favor do pecador penitente. Somos justificados por um ato de graça da parte de Deus mediante Cristo Jesus nosso Senhor, a quem o profeta Jeremias assim identifica: “Será êste o seu nome, com que será chamado: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA.” (Jer. 23:6.) O sangue de Jesus remove os nossos pecados mediante a fé, e por graça, Deus nos declara justos, isto é, em harmonia com a justiça — a Lei.

Aquêle que pagou o preço de nossa justificação diz em amorosa ordem: “Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos.” S. João 14:15. E os mandamentos de Jesus são os mandamentos de Deus, porque Ele e o Pai são um. (S. João 10:30.) Não admitindo a possibilidade de duas leis em oposição. Caso fosse real, teríamos no céu dois reinos. Em verdade, como Deus juntamente com o Pai, Cristo é o autor da Lei. Em Isa. 33:22, o profeta falando de Cristo, declara: “Porque o Senhor é o nosso juiz; o Senhor é o nosso Legislador, o Senhor é o nosso rei; Ele nos salvará.” “O mesmo Cristo dera tanto a lei moral, como a cerimonial.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 255.

Assim temos, na Lei a justiça codificada; em Cristo a justiça personificada. Ampliando, Deus envolvendo a Trindade, é a justiça. Nossa mente finita, porém, jamais alcançaria as orlas da justiça divina como pessoa, sem o devido esclarecimento. Para isto foi dada a Lei: “A lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio. É uma revelação de Sua vontade, uma transcrição de Seu caráter, expressão do amor e sabedoria divinos.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 44. A Lei é a expressão perfeita do perfeito caráter de Deus o Pai, de Cristo, Deus o Filho, e do Espírito Santo.



Batismos e Corpos de Bombeiros

RON RUNYAN

O PRIMEIRO batismo de um pregador deve ser temível como a primeira intervenção cirúrgica de um médico, ou o primeiro vôo solitário de um piloto aprendiz. A primeira e a última dessas experiências me couberam a mim. Não estou certo a qual delas consumiu mais unidades de energia: o batismo ou o primeiro vôo. Felizmente, safei-me vivo em ambos os casos.

Imediatamente após a ordenação, o presidente da associação convidou-me para realizar minha primeira série de reuniões. Eu procurara adiar essa série por vários anos. Mas êle foi irredutível. Eu me convencera de algum modo, de que a obra poderia ser levada avante por algum método outro, que não a loucura da pregação! Tôda vez que me encontro com um pregador que tem a intenção de finalizar a obra sem incluir a pregação, eu sorrio.

Não me importa quão lindos possam ser os folhetos policoloridos, quão lógicos sejam os cursos bíblicos, quão suave seja vossa voz na evangelização pelo telefone ou no programa de rádio, quão bonito e vivo seja vosso olhar na tela da televisão, quantos centímetros de espaço consigais graciosamente no diário para publicações sobre vossa igreja, quantas Escolas Cristãs de Férias realizeis, quantos certificados de cursos leigos de conquista de almas distribuais, quantas viagens façais para a Palestina, quantos Planos de Deixar de Fumar em Cinco Dias lanceis, quantos cursos de culinária promovais — as paredes de vosso tanque batismal se fenderão de secura a menos que saiais, indo pessoalmente ao encontro do povo, com êles estudeis e lhes pregueis! Em suma: *pregai a Palavra!* Todos êsses pontos mencionados são um auxílio, mas de si mesmos êles não levarão pessoas para vossas fontes batismais.

Vasava

Voltemos ao meu primeiro batismo. Levantei uma tenda num distrito onde as nossas igrejas não tinham tanque batismal. Adquirimos um batistério de lona, levantamos a estrutura e começamos a enchê-lo de água. Que descoberta chocante a nossa quando notamos que a água vasava! A água amoleceu a terra num ponto da tenda, de modo que nesse sábado nosso povo teve de sentar-se obliquamente, na parte “alta” do terreno!

Isso tudo aconteceu no final do outono, quando a temperatura já começava a esfriar. Assim a água estava apenas cerca de um grau acima do congelamento! Como aquecê-la? Os pregadores são uns camaradas engenhosos. Um dos meus auxiliares descobriu um velho elemento aquecedor de uma instalação. Prendemos essa espiral de cobre no tubo e tomamos emprestado de um membro um aquecedor a querosene. Essa engenhoca vomitava uma labareda de um metro ou mais de comprimento, fazendo com que a água, passando pela espiral, chegasse ao ponto de quase ebulição, ao despejar-se no tanque. Não me importava a queimadura da água tanto quanto o fato de ter-se ateadado fogo ao campo onde funcionava o aquecedor.

Silvos e Gemidos de Sirenes

Nossa tenda localizava-se numa bela esquina, próxima do centro da cidade. Tínhamos tido dificuldade em conseguir permissão para ali armar o pavilhão e agora parecia que tudo aquilo ia ser consumido pelas chamas! Não tivemos tempo para orar acerca da situação, pois o fogo num instante tomou conta de tudo! Agarramos tudo que nos vinha à mão e começamos a bater nas chamas, porém sem resultado.

Rolos de fumaça erguiam-se do campo, e os transeuntes devem ter pensado que nosso assun-

to naquela noite fôsse: "O Inferno, o que é e Onde Está?" Evidentemente algum bom vizinho avisou o corpo de bombeiros, pois bem depressa os silvos e gemidos das sirenes adentraram nosso local. Tenho ouvido de casos em que a policia dirigiu cortejos batismais através da cidade, mas quando o corpo de bombeiros se relaciona com um batismo, isto mostra que de fato o conferencista realizou algo de notável! Sentimo-nos gratos ao Senhor por não ter sido destruída nenhuma propriedade e não ter sido impedido o batismo. O único problema foi o quase insuportável calor da água!

Um de meus colegas de ministério teve uma experiência curiosa com o corpo de bombeiros. Estava realizando um batismo num pavilhão, com um batistério portátil em que se verificou um rombo justamente uma hora antes do batismo. Aflito, êle apelou para o corpo de bombeiros a fim de que interviesse, despejando água no batistério, com uma das mangueiras grossas, de modo que o tanque tivesse água até que se consumasse o batismo. Por surpreendente que seja, êles cooperaram! Imaginai vosso auditório assentado no interior de um pavilhão tendo lá fora um carro de bombeiros a despejar água de um hidrante, para um tanque portátil que vasava! Uma vantagem houve: os candidatos tiveram constante suprimento de água nova, durante aquêle batismo!

Cadeiras e Púlpitos Arrebatados da Plataforma

De outra vez arnei um tabernáculo com o batistério embutido na parede, em cima, atrás do púlpito. Não conseguimos vidro duplo para a parte superior do batistério, de modo que nos servimos de vidro simples. Construímos o ladrão no canto, com um grande tampão. Eu por várias vèzes advertira a meus auxiliares a que não começassem a encher o tanque sem antes remover o tampão, pois do contrário a água subiria demais e a pressão partiria o vidro.

Foi meu último batismo naquela série de reuniões. Crendo que meus auxiliares haveriam de cuidar de que tudo estivesse em perfeita ordem, não examinei o tanque. Cêrca de uma hora antes de iniciar-se a reunião, bem podeis imaginar o que aconteceu. Ainda me é penoso recordar o episódio. Houve um estridor de vidro que se partia, em combinação com o ruído de uma avalanche de água que varreu da plataforma as cadeiras e o púlpito! Levou vários dias para minha atitude com os auxiliares cristianizar-se.

Impressionado ou "Pressionado"

Entretanto os auxiliares têm os seus problemas com os pregadores de mais idade. Um pastor-auxiliar, amigo meu, convidou um ministro ordenado, já idoso, para batizar alguns de seus candidatos no oceano. A maré estava baixa, de modo que o oficiante, juntamente com o pastor-

auxiliar, levou os candidatos para a água mais profunda. Quando a água chegou aos joelhos, o ministro ordenado deteve-se e fêz menção de batizar o primeiro candidato. O pastor novato sugeriu calmamente que fôssem um pouco mais para o fundo, onde havia "muita água," mas o irmão mais experiente declarou enfaticamente que a água era profunda bastante. Que pôde o pobre pastor-auxiliar fazer senão ali se deixar ficar, a observar aquêle irmão experiente cair sôbre o candidato. Para dizer o mínimo, o candidato deve ter ficado impressionado, ou "pressionado" pelo ministro adventista! Eu poderia acrescentar que o obreiro ordenado não era lá dos mais magros.

Ambos Mergulharam

Em uma de minhas campanhas, um interessado que abandonara a igreja rompeu numa risada quando lhe sugeri que se rebatizasse. Explicou logo que, em seu primeiro batismo, num lago, oficiou um pastor muito franzino, mas piedoso. Uma senhora de enormes dimensões devia precedê-lo no batismo. Quando nosso delicado ministro terminou de pronunciar a fórmula baptismal, ao submergir na água essa corpulenta candidata, perdeu o equilíbrio, e ambos mergulharam! Como o pregador conseguiu reaver sua compostura sob essas circunstâncias, é coisa que ainda não entendo.

Em outra série de conferências uma senhora de idade decidiu-se por Cristo. Tinha, porém, horror à água, especialmente à água fria! Visto como era inverno, instruí cuidadosamente meus diáconos a que se certificassem de que a água estivesse agradavelmente aquecida. Deixaram o aquecedor ligado a noite inteira — era o que pensavam — mas a manhã de sábado revelou a terrível verdade de que o aquecedor se apagara e o tanque baptismal estava cheio de água... geladinha. Tenho certeza de que, se a igreja não tivesse aquecimento, uma fina camada de gelo cobriria a água.

Assim os diáconos se apressaram a despejar baldes de água quente no tanque. Introduzimos vários pequenos aquecedores elétricos e fizemos o possível por aquecer a água a uma temperatura razoável. Todavia ela continuava bastante fria.

Fiquei em dúvida sôbre a conveniência de batizar ou não aquela senhora naquela ocasião. Como ela tomara a decisão, achei que devia batizá-la. Felizmente os degraus debaixo da água não eram visíveis à congregação, de modo que não puderam ver o semblante assustado da senhora quando os pés tocaram a água, mas por certo ouviram suas exclamações! Fiz sinal ao diretor da música para que mantivesse o povo cantando, alto e demoradamente. Então a fiz sentar-se nos degraus e delicadamente aspergi-a com água. Desceu, passo a passo, porém cada passo era acompanhado de um estridente gemido.

Afinal consumou-se a tarefa, mas com que embaraços!

Quando me recordo dêsse caso, fico a pensar que deveria ter adiado aquêlê batismo e certificar-me de que a água estivesse bastante aquecida para ela. Não me compreendais mal: ao lembrar êsses incidentes, e outros semelhantes, reconheço que, do ponto de vista humano não é difícil imaginar porque algumas igrejas substituíram o batismo pela aspersão!

Maravilhosamente Impressionante!

No entanto, dirigido própria e cuidadosamente, um batismo pode ser maravilhosamente impressivo. Alguns obreiros escolhem a noite de sexta-feira para o serviço batismal. O programa todo é dedicado ao batismo e não é apenas parte de outro culto de pregação regular. Outros preferem a tarde de sábado para êsse culto espiritual. Entretanto, alguns carecem de um simples senso comum para fazer do batismo uma cena de beleza e dignidade.

Fico chocado ao presenciar a alguns batismos. Um de nossos obreiros novatos, realizou recentemente um batismo numa igreja em que o batistério fica debaixo da plataforma. Pôs em fila os candidatos e começou o batismo. Mas ao saírem da água, não havia ninguém que os cobrisse com toalha e os encaminhasse para o recinto onde deviam vestir-se. Como é desagradável o aspecto de uma pessoa a subir do tanque batismal a escorrer água, com o roupão agarrado imodestamente ao corpo!

Faço aos nossos novos o apêlo para que planejem bem tudo, antes de realizarem um batismo. Examinai cuidadosamente cada pormenor e certificai-vos de que tudo esteja em ordem. Costumo usar um simples lenço branco para cobrir o nariz e bôca do candidato, para que não saiam da água fungando e cuspidando. Se usardes êste método, cuidado de que haja à mão bom suprimento de lenços, e que tenha sido designado um diácono ou diaconisa para entregar-vos os lenços, um a um.

Outro plano recomendável é instruir cuidadosamente os candidatos. Convém explicar como devem postar-se, como pôr as mãos e conter a respiração. Isto os ajuda a manter-se calmos. Com efeito, eu costumo fazer diante dêles uma demonstração, usando um dos candidatos como exemplo. Isto toma poucos minutos, mas vale a pena.

Talvez convenha que alguns de nossos pregadores, especialmente os ordenados há pouco, ensaiem um com o outro, até se certificarem de estar aptos a batizar qualquer pessoa, não importa o tamanho, e que tenham facilidade em batizar. Francamente, não há desculpa para que um batismo seja conduzido a êsmo, sem dignidade. — *The Ministry*, set., 1969.

O Significado do “Sangue” no Santuário - I

LÉO RANZOLIN

REPETIDAMENTE, lemos a palavra “sangue” nas Escrituras Sagradas e em especial fazendo referênciã ao santuário de Deus. Qual é o significado de “sangue” no Santo Livro? De acôrdo com Deut. 12:23, lemos: “Sômente empenha-te em não comeres o sangue, pois ‘o sangue’ é a vida pelo que não comerás a vida com a carne.”

VIDA! De acôrdo com essa passagem das Escrituras o sangue representa a “vida,” porém, antes de chegarmos a alguma conclusão precipitada, examinemos o uso do têrmo através da Palavra de Deus e em especial sua relação para com o santuário.

A) *Uso do Têrmo*

O Velho Testamento emprega a palavra “DAM” 362 vêzes. Destas, 203 referem-se às mortes violentas e 103 ao sangue dos sacrifícios; 7 vêzes com “vida” e “sangue” e 17 referências feitas ao fato de comer a carne com o sangue. Das 32 restantes o uso é miscelâneo. “Vida” é relacionada com sangue em Lev. 17:11: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sôbre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida.”¹

Outras passagens estão associadas com êste pensamento, como por exemplo:

Gên. 9:4 — “Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis.”

Nota-se que nestas passagens o “sangue” é tido como sagrado e como emblema de sacri-

fício. Porque faltava o sangue e a fé que opera através da obediência, o sacrifício de Caim não foi aceito diante de Deus. Como vimos, em Gên. 9:4, o sangue era proibido como alimento. Esta orientação foi para Noé e seus filhos. Os primeiros 17 capítulos de Levítico proíbem seu uso devido ao seu caráter sagrado: era vida, — a fonte de vida como dada por Deus e aos homens não era permitido se apropriarem dela.

No Nôvo Testamento a palavra usada para sangue é “HAIMA” e ocorre 98 vêzes. Vinte e cinco vêzes é mencionada como morte violenta como no caso de Estêvão, Atos 22:20: “Quando se derramava o sangue de Estêvão . . .”²

B) Seu Caráter Sagrado

Lev. 17:12 e 13 — “Nenhuma alma de entre vós comerá sangue . . .”

I Sam. 14:32 e 33 — “Eis que o povo peca contra o Senhor comendo sangue.”

I S. Ped. 1:19 — “Mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo.”

Podemos observar através destas passagens o caráter sagrado que era dado ao sangue. Foi o sangue precioso que Jesus verteu na cruz do Calvário que nos levou à santidade, à santidade de vida, à santidade de pensamento e obras.

C) Seu Derramamento — Significa o Fim da Vida

Mosley, em seu livro “A Doutrina da Expição” diz:

“Um sacrifício sem sangue não corresponde adequadamente a êste propósito, seu valor não é comparável com o valor da alma do homem; mas, eis que é comparado à alma; na oferta de sangue o pecador trás uma vida para assegurar a sua vida.”³

I Reis 3:37 — “O teu sangue cairá sôbre a tua cabeça.”

S. Mat. 27:24 e 25 — “Estou inocente do sangue d'êste . . .”

“Caia sôbre nós o Seu sangue.”

D) O Sangue Contamina?

A) SANGUE COM CULPA CONTAMINA! Notemos algumas passagens das Escrituras Sagradas que confirmam êsse pensamento:

Gên. 4:10 e 11 — “A voz do sangue de teu irmão clama da terra a Mim.”

Isa. 59:3 — “Porque as vossas mãos estão contaminadas de sangue . . .”

Sôbre isto Andreades diz:

“Não havia livros guardados no santuário. Mas havia um registo do pecado. Cada gota de sangue

que era espargida no altar de ofertas queimadas de manhã e de tarde constituía um registo dos pecados cometidos.”⁴

Novamente êle diz:

“Cada manhã e cada tarde um cordeiro era imolado e o seu sangue espargido sôbre o altar ‘em volta’. Isto contaminava o altar. Os ofensores e transgressores tinham trazido suas ofertas para os pecados. No caso de um sacerdote ou de tôda a congregação, o sangue da vítima tinha sido derramado no lugar santo. Isto tinha contaminado o santuário.”⁵

Será correta esta interpretação? Parece-nos que de acôrdo com esta referência há pecado no sangue. Sabemos que o sangue representava a Cristo e portanto o sangue de Cristo como antítipo tinha pecado em si. No entanto, estamos certos de que o sangue de Cristo não pode contaminar, porque a Bíblia nos afirma ser “imaculado” e “incontaminado.” Durante o tempo de Israel os animais imperfeitos eram rejeitados. (Lev. 22:20 e Mal. 1:8 e 14).

Portanto, é evidente que o sangue com culpa macula o santuário, mas não contamina a oferta. O sangue que não tinha conexão com o pecado poderia purificar — e êste é SÔMENTE O SANGUE DE CRISTO. Apenas oferecer o sangue não contamina o santuário. A Bíblia fala-nos em Heb. 9:22, 23 e 9:14 do princípio universal — não há remissão sem derramamento de sangue. Lev. 8:14 e 15 e Êxodo 29:36 declaram como isto foi feito no Velho Testamento e pode ser feito hoje; antes de Cristo êles poderiam ser redimidos através do sangue do Cordeiro que estava para vir.

B) O QUE CONTAMINA O SANTUÁRIO E COMO PODE SER CONTAMINADO

Levítico 16 — A expiação.

Heb. 9:23 — A necessidade de purificação.

Através dessas passagens podemos ver que há algo que pode contaminar o santuário. Sendo que o sangue imaculado não o pode contaminar, devemos concluir pelo estudo de algumas passagens da Bíblia que O PECADO CONTAMINA O SANTUÁRIO.

Lev. 20:3 — Dando os filhos aos ídolos: “contaminando assim o Meu santuário e profanando o Meu santo nome.”

Ezeq. 5:11 — O santuário profanado por abominações. “Pois que profanaste Meu santuário com tôdas as tuas coisas detestáveis . . .”

Ezeq. 23:38 e 39 — Indivíduos haviam sacrificado seus filhos aos ídolos e no mesmo dia vieram ao santuário. Aqui está o que contamina o santuário: O PECADO!

Ezeq. 23:37-39 — Encontramos nestas passagens o quadro como o santuário pode ser contaminado pela transgressão do sábad, adulterio, homicídio e sacrifício dos filhos aos ídolos.

TODOS os movimentos de reforma na História, foram acompanhados de grandes pregações. Poderíamos dizer que a história da confrontação divina do homem pecaminoso com o processo histórico se polariza no aparecimento periódico de poderosos pregadores. Desde os dias de Noé, o pregador da justiça, até aos nossos tempos, Deus tem havido por bem que Seus movimentos reformatórios tivessem por berço grandes pregações.

Um desses movimentos de reforma surgiu no século dezesseis. O estudo da reforma dá-nos a nítida impressão de que o movimento recebia seu poder de três maneiras: era parte de cumprimento de profecia; produziu notável ímpeto de propagação; e foi abundante em grandes pregadores.

Dentre os gigantes do púlpito, daquela época, ocupa o primeiro lugar Martinho Lutero. Seus mais de 2.000 sermões existentes constituem ampla evidência de seu maciço esforço especialmente na pregação expositiva.

Sob Compulsão

Lutero tornou-se pregador sob compulsão. Com efeito, tudo que fez, desde os dias em que se tornou monge, em 1505, até ao final de sua vida, fê-lo como sob compulsão. Foi ordenado sacerdote sob compulsão, estudou Teologia sob compulsão, tornou-se professor de religião sob compulsão, e começou a pregar com temor, debaixo de oposição e mesmo resistência. Foi seu superior, o Dr. João Staupitz, que o dispôs e lhe ordenou ocupar esse cargo e cumprir o dever. Assim, em maio de 1512, sem dúvida por instigação de Staupitz, foi constituído professor de Teologia Bíblica, com o que teve início oficial sua obra de pregador. Seu primeiro sermão que se conhece vem, provavelmente, daquele ano; o último foi pronunciado em 15 de fevereiro de 1546, três dias antes de sua morte.

Como se Iniciou o Pregador

Esse homem, que não queria pregar, chegou a considerar a pregação o maior encargo divino da face da Terra. Cria que o pregar teve origem na conversa, oral e criadora, que Deus teve consigo mesmo desde toda a eternidade. Do seguinte modo Lutero ilustrava o que queria dizer:

Quando um homem tem um pensamento, uma palavra ou conversa consigo mesmo, ele constantemente fala de si para si, e está cheio de palavras que são como que conselhos quanto ao que deva fazer ou não. Constantemente conversa e delibera sobre o assunto, dentro de si mesmo. . . . Assim também Deus, desde toda a eternidade, tem uma Palavra, um discurso ou conversa consigo mesmo em Seu coração divino, sem que anjos e homens o percebam. Isto é o que se chama Sua Palavra. 1

Em suas conferências sobre o Gênesis, Lutero tratou deste assunto da Palavra. Perguntou:

Que é esta Palavra, ou que fez Ele? Escutai a Moisés. A luz, diz ele, não existia ainda; mas, do seu estado de

não-ser as trevas se tornaram essa notabilíssima criatura — a luz. Por meio de que? Pela Palavra. Por isso, no princípio e antes de qualquer criatura, existe a Palavra, e é uma palavra tão poderosa que do nada faz todas as coisas. 2

Deus Nunca Cessou de Pregador

O que Lutero diz aqui, é que o ato da Criação era Deus falando ou pregando para trazer tudo em existência, mediante a Palavra, ou Cristo. Deus nunca cessou de pregar. No momento em que Ele terminou de, pela palavra, trazer em existência a incorrupta criação, estabeleceu a igreja no Éden, a fim de que fôsse o centro ou eixo da oração, do louvor e da pregação. A árvore da ciência do bem e do mal, que Lutero parece imaginar como um bosque ou agrupamento de árvores de indescritível beleza, era “a Igreja, Altar e Púlpito de

LUTERO

W. M. LANDEEN

Departamento de História, Universidade Loma Linda

Adão,” com o próprio Deus a consagrar o local para fins sagrados.

Aqui cumpria a Adão prestar a Deus a obediência que Lhe era devida, reconhecer a palavra e vontade de Deus, dar graças a Deus, e implorar Sua ajuda contra a tentação. 3

Para completar o quadro do culto edênico, Deus deu ao homem o sábado. “Desde o princípio do mundo,” diz Lutero, “o sábado se destinava ao culto a Deus”; e

A incorrupta natureza humana teria deste modo proclamado a glória e as bondades de Deus: no dia de sábado os homens teriam conversado acerca da imensurável bondade do Criador; teriam feito sacrifícios; teriam orado etc. Pois este é o sentido do verbo “santificar.” 4

Tal é o princípio do cargo de pregador, segundo Lutero. Considerava-o ele parte integrante do ato criador de Deus, e assemelhava

o pregar à palavra oral de Deus na Criação. Podia êle achar ser a pregação mais importante que tudo no mundo, porque tem de ser sempre criadora, como Deus é sempre criador.

A entrada do pecado mudou, mas não destruiu o ofício divino de pregar. Adão continuou a pregar.

Com efeito, mesmo depois da Queda santificou êle o sétimo dia; isto é, nesse dia instruiu sua família, do que dão prova os sacrifícios de seus filhos Caim e Abel. Portanto, desde o princípio do mundo o sábado se destinava ao culto a Deus.⁵

Com a entrada do pecado começou um nôvo aspecto da pregação divina. Deus pregava ainda por intermédio de Sua igreja no mundo; primeiro em Sua Palavra, encontrada no Velho Testamento, e a seguir por Seu Filho, que era a Palavra em carne humana, e afinal atra-

de Cristo. A verdadeira igreja no Velho Testamento tinha a Palavra de Deus e era ela mesma a comunidade redentora à qual Deus falava. Quando veio Cristo, não precisou êle de escrever, pois isto já fôra feito, mas sim elucidar, expor e proclamar os segredos e mistérios ocultos no Velho Testamento.⁷ Semelhantemente, os apóstolos não precisaram escrever; deviam pregar e clamar o evangelho; finalmente, a igreja do Nôvo Testamento devia ser, dizia Lutero, “não casa de pena, mas casa de bôca.”⁸

Os Grandes Pólos Opostos

O apropriado assunto de tôda pregação desde a Queda tem sido os dois grandes pólos opostos na História: o pecado e a justiça. Êsse era o âmago da teologia de Lutero, quer nas aulas aos estudantes, quer escrevesse estudos teológicos ou cartas, quer disputasse, ou conversasse à mesa ou pregasse. Em suas conferências sôbre *Os Salmos 1513-1515*) êle assim resumiu o seu pensamento:

O ponto de partida é o pecado, do qual devemos estar constantemente afastados. O alvo é a justiça, à qual devemos apagar-nos incessantemente.⁹

Nunca um professor ou pregador castigou o pecado mais desapiedadamente, nem louvou a justiça mais apaixonadamente do que o fêz Martinho Lutero.

Falando em têrmos práticos de pregação, o tema da palavra falada de Lutero era a lei e o evangelho. Êstes dois têm de ser sempre pregados conjuntamente, e a mesma Palavra de Deus contém ambos, de modo que juntos constituem, em certo sentido, o “evangelho eterno.”

A esta altura temos de fazer uma advertência. Lutero nunca manteve que o pecado e a justiça estivessem no mesmo nível de importância. Semelhantemente, a lei e o evangelho nunca fruíram a companhia mútua. Efetivamente, êses dois grandes pólos opostos empenhavam-se em mortal animosidade. Eram duas grandezas encerradas em combate cósmico, desde o início do pecado até ao triunfo final da justiça, no fim do tempo. O grande prêmio, nesta refrega, era o homem, o pecaminoso homem, o homem salvo, ou, como Lutero gostava de dizer, o reino do mal e o reino da graça.

A Pregação da Palavra Forja uma Igreja Verdadeira

Outro princípio básico no pensamento de Lutero era o de que a Palavra de Deus oral, ou pregada, nunca se devia afastar da inspirada Palavra de Deus escrita. Foi quando o minis-

o Pregador

Primeira Parte

vés da ordem de Cristo aos discípulos, de pregarem o evangelho. Cristo nunca se serviu da pena para comunicar a outros Seu evangelho, mas comunicava Sua mensagem pela palavra oral. Jamais ordenou aos discípulos que escrevessem, mas que pregassem o evangelho.⁶

“Casa de Bôca, não de Pena”

A razão disso era clara para Lutero. Quando o homem pecou, Deus colocou na igreja Seu plano de redimir do pecado o homem. A igreja, que no Éden fôra um lugar de oração, louvor e instrução nas coisas divinas, tornou-se agora a portadora do plano divino de redenção em Cristo. Neste processo o Velho Testamento era a Palavra de Deus a apontar para o ato remidor

tério deixou de seguir a inspirada Palavra de Deus, isto é, a Bíblia, que a igreja apostatou e tornou-se o anticristo. Em outras palavras, quando a igreja deixou de pregar a lei e o evangelho, deixou *ipso facto*, de ser a igreja verdadeira. Pois organização, hierarquia e sacramentos não é que fazem uma igreja verdadeira; unicamente a pregação da redentora Palavra de Deus é que faz a igreja verdadeira.

Há na vida de Lutero um incidente importante, que bem ilustra a ênfase que dava a pregação verdadeira. Em 1521 e 1522, quando se achava oculto em Vartburgo, sua ausência na universidade e na cidade de Wittemberg deu motivo e desassosêgo e perturbação. Apareceram chamados profetas da cidade de Zwickau, dirigidos por um tecelão de nome Storch. Esses homens diziam ter visões, o dom de profecia, e a iluminação do Espírito. Achavam desnecessária a Bíblia, assim como os cargos espirituais; unicamente os verdadeiramente inspirados constituíam a igreja verdadeira.

Quando Lutero ouviu que os profetas haviam chegado, interveio imediatamente. Escreveu a Melâncton longa e incisiva carta, insistindo a que provasse e desafiasse os espíritos. Referindo-se ao Velho Testamento, diziam que os profetas recebiam sua autoridade “da lei e da ordem profética.” E prosseguia:

Positivamente não quero que os “profetas” sejam aceitos se afirmam que foram chamados por mera revelação, pois Deus nem mesmo quis falar a Samuel a não ser através da autoridade de Eli. Esta é a primeira coisa que pertence ao ensino em público. 10

Desta declaração depreende-se infalivelmente: os profetas de Zwickau eram impostores, porque não baseavam nas Escrituras a sua pregação — o que é primeiro principio no ensino público. — *The Ministry*, jan. 1970.

(*Continua*)

1 Sempre que possível as citações usadas neste artigo foram extraídas da edição americana de *Luther's Works* (Filadélfia e S. Luís, 1955). Usamos a abreviatura L. W. com o volume e páginas correspondentes. A edição original de suas obras tem a abreviatura W. A. com o volume e página. Ver L. W. 22, pág. 9.

2 L. W. 1, pág. 17.

3 *Idem*, pág. 95.

4 *Idem*, pág. 80.

5 *Idem*, págs. 79 e 80.

6 W. A. 10-1-1, pág. 626.

7 *Ibidem*.

8 *Idem*, 10-1-2, pág. 48.

9 *Idem*, 4, pág. 364.

10 L. W. 48, pág. 366.



PARA A
OBREIRA BÍBLICA

O Poder da Palavra

JEANETE T. WORTH

Instrutora Bíblica, Associação Chesapeake

Nota editorial: A história desta notável conversão ilustra vários pontos que todos os ganhadores de almas tenham presente. Primeiro, o uso eficaz da Palavra. Segundo, a importância de levar a Cristo através do processo da conversão antes de acentuar as doutrinas. E afinal, a importância do apêlo direto, pessoal. E poderíamos acrescentar: levar a pessoa a assinar um compromisso, ou pacto, de entrega.

NO profundo subsolo de um supermercado encontrei-me com um de nossos membros da igreja.

— Irmã Worth, disse êle, tenho um vizinho que eu gostaria que a irmã visitasse. Seu nome é Antônio, mas não sei qual seu sobrenome. É pessoa tão interessante que desejaria que a senhora o visitasse.

— Pois não! Qual seu enderêço?

— Cedar Lane, 254.

Parando o carro nessa rua, vi que o número 254 era uma casa de móveis. Bati, e depois de algum tempo abriu-se a porta, aparecendo uma mulher muito embriagada. Perguntei:

— Mora aqui o Sr. Antônio? O Sr. Kay me disse que os senhores são vizinhos tão bondosos, que me deu vontade de visitá-los.

— Sim (em voz rouquenha), é aqui que mora Antônio Makovek. Entre!

Ela cambaleou para a sala de estar, e eu a segui. Antônio estava conversando com outro homem, Joe Smith (segundo fui informada), e em volta deles havia uma fila de garrafas, e muita desordem. Sentei-me no sofá, ao lado da Sra. Makovek, e fiz menção ao tempo inclemente e outras coisas. Então eu disse, em tom baixo mas veemente: “Não estou aqui para

falar acêrca do tempo!" Pus o braço sôbre o encôsto do sofá, às costas da senhora e disse:

— A senhora sabe que Deus a ama, e quer vê-la em Seu reino?

Ela ergueu os olhos, como assustada: — Mas, nós bebemos!

O espôso sentou-se junto dela.

— Oh, *não é nada* para Deus, ajudá-los a vencer. Ele pode remover *montanhas*. A senhora tem a Bíblia?

— Sim, quer a senhora creia quer não, nós temos! (Isto dizendo, a Sra. Makovek entrou numa sala contígua e voltou com a Bíblia.

Não levo a Bíblia na minha primeira visita a um lar. Isso às vêzes assusta as pessoas. Abri a Bíblia em Jer. 31:3 e disse:

— Quer ter a bondade de ler?

Ela teve que piscar algumas vêzes, antes de conseguir ler: "De longe Se me deixou ver o Senhor, dizendo: Com amor eterno Eu te amei, por isso com benignidade te atraí." (Ela leu e Antônio escutava.)

— Quantas pessoas são "te"? A quantas pessoas estava Deus falando?

— A cada um, penso...

— Sim. Ele Se refere a todos, quando diz: "Deus amou o mundo de tal maneira..." mas aqui Ele fala a *um* só. "Te" é singular. Ele quer dizer *você*, como se diz hoje. "Te" é linguagem bíblica, e se refere a um individuo em particular. Ele *te* ama pessoalmente. Que espécie de amor tem Ele pela senhora?

— Eterno.

— Que quer dizer essa palavra?

— Bem...

— Quer dizer que nunca se acaba. Não se acabou, nem pelo motivo de a senhora ter estado a tomar bebidas alcoólicas. Ele ainda a ama. A senhora não quer tentar compreender isso? e crer nisso?

— S... i... m!

Li então Rom. 3:23: — "Todos pecaram e carecem da glória de Deus." Isto quer dizer que eu pequei; talvez não da mesma maneira que a senhora, mas de alguma maneira. E a senhora pecou. Que merecemos, por causa de nossos pecados?

Pedi-lhe que lesse a primeira cláusula de Rom. 6:23. — "Porque o salário do pecado é a morte..."

— Nós merecemos a *morte* por nossos pecados, não é mesmo? Mas o restante do versículo mostra que Deus tem um plano pelo qual podemos escapar a essa morte. Leia o restante, por favor.

— "Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor."

— Vida eterna é o contrário de morte, não é? E nós a podemos ter por meio de Jesus. A senhora sabe como isto é possível?

— Não.

Fomos a Isa. 53:6: — "Todos nós andávamos

desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fêz cair sôbre Ele a iniquidade de nós *todos*." Jesus levou sôbre Si todos os pecados, os seus e os meus, e os do mundo todo, ao morrer na cruz. Ele tomou sôbre Si *cada um* dos pecados. Por isso é que Deus nos pode perdoar os pecados, se confiamos inteiramente em Seu Filho e cremos que Sua morte foi por nós.

Indesejada Interrupção

— A senhora acha que é justo um padre cobrar 75 dólares por um entêrro?

— Bem, eu não conheço as circunstâncias. A senhora não se incomoda se continuarmos com o assunto, não é mesmo? Sabe porque pôde Ele levar sôbre Si todos os nossos pecados, os pecados do mundo todo?

— Não!

— Leíamos no evangelho de S. João, o primeiro versículo: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." A palavra *Verbo* é simplesmente um dos nomes de Jesus. Leíamos agora o verso 14: "O Verbo Se fêz carne, e habitou entre nós." Sabemos quem Se fêz carne, não sabemos? Foi Jesus. Agora leia comigo o verso 10: "Estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio d'Ele." Ele fêz o mundo inteiro e todos os seus habitantes. Por isso é que Ele pode tomar o lugar de cada um no mundo. A senhora entende isso? Um pai pode tomar o lugar de seus filhos, e muitas vêzes pagar as penas a eles devidas. Por isso é que Jesus pôde pagar os pecados de todos nós.

— Acha a senhora que a Bíblia protestante é tão boa como a católica? interrompeu o Sr. Smith.

— Bem, ambas são inspiradas. Vamos pensar no quanto custou a Jesus tomar sôbre Si todos os nossos pecados.

Removido o Interruptor

Justamente nesse momento ouviu-se uma buzina, e parou diante da porta um táxi que fôra encomendado antes de eu chegar, para levar à cidade o Sr. Smith, a fim de comprar mais uísque. Eu nada disse. Saído êle, repeti: "Vamos pensar no quanto custou a Jesus." Leíamos Isa. 53:5: "Ele foi *traspassado* pelas nossas transgressões, e *moido* pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sôbre Ele, e pelas *Suas* pisaduras fomos sarados." A senhora não O ama, por ter Ele feito tudo isso, e tanto ter sofrido pela senhora?

— Sim.

— Não é muito o que Ele pede em troca. Leíamos Prov. 23:26: "Dá-Me, filho Meu [filha minha], o teu coração." Não quer a senhora dar-Lhe o coração *agora*?

— Sim.

— E não O quer convidar a entrar no seu coração? Leiamos Apoc. 3:20: “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa.” Não quer a senhora convidá-Lo a vir ao seu coração, dando-o a Ele, para que viva a Sua vida na senhora?

— Sim.

— Bem, ajoelhemo-nos e a senhora Lhe diga isso.

A essa altura fiquei pensando se essas preciosas palavras de vida não estariam sendo desperdiçadas, visto como aquela pobre alma estava tão embebedada. Compreenderia? Pareceu-me que não. Mas ajoelhemo-nos, e orei primeiro por eles, e depois a ajudei a repetir o que eu dizia: “Senhor Jesus, graças Te dou por haveres morrido em meu lugar. Perdoa os meus pecados. Agora mesmo dou-Te meu coração e convido-Te para entrar nele. Amém.”

Ao nos erguermos, vi lágrimas. Prometi-lhe: — Voltarei em breve, para visitá-los.

— Oh! disse a Sra. Makovek, leva uma semana para vencermos esta ressaca . . .

— Pois bem. Estarei de volta daqui a uma semana.

Justamente então chegou um táxi, e entrou o Sr. Smith, trazendo uma garrafa.

Exatamente uma semana depois voltei, e oh! que mudança! Tudo estava limpo, e não havia sinal de garrafas. Marido e mulher estavam vestidos decentemente, e seu aspecto era tão diferente! A inteligência transparecia-lhes do rosto, embora parecessem um tanto embaraçados. Saudei-os calorosamente e fiz com eles quase exatamente o mesmo estudo que tivéramos na semana anterior. Eu estava certa de que nem mesmo se lembravam do que fôra dito, ou que não o haviam entendido.

Ao concluir, convidei-os de novo a darem o coração ao Salvador, com a diferença de que desta vez levava comigo cartões de decisão, que eu preparara. Ajoelharam-se e de novo entregaram o coração a Jesus! Então eu disse:

— Agora fiquem com estes cartões e orem a

seu respeito. Se têm certeza de terem sido sinceros no que disseram, assinem o nome aqui onde está. “Visto como creio que Jesus me amou o bastante para morrer em meu lugar e pagar a penalidade de meus pecados, agora Lhe entrego meu coração, e aceito-O como meu Salvador.” Então ponham a data. E agora coloquem-nos em sua Bíblia, em Prov. 23:26, onde Ele lhes pede que Lhe dêem o coração.

Assim fizeram. Por algum tempo voltei todos os dias por um momento, tendo com eles um estudo breve, seguido de oração. Eles de bom grado e rapidamente apreenderam as doutrinas, pois já conheciam e amavam o Autor das doutrinas bíblicas. Às vezes eu tomava dois ou três dias para estudar um só assunto. Um dia Antônio disse:

— Sra. Worth, logo que eu consiga trabalho e tenhamos alguma roupa, *havemos de ir para a sua igreja.*

Até aí eu nem tinha mencionado a igreja.

Revelação Assombrosa

Um dia, estando ausente o marido, quando eu lia a Bíblia com a Sra. Makovek, disse ela:

— Sra. Worth, quando Antônio entrou com o uísque naquele dia, eu lhe disse: “Não vai mais haver bebedeira nesta casa. Isto aqui será um lar cristão!”

Fiquei estupefata! Julguei a princípio que houvera um mal-entendido, da minha parte ou da deles, pois estavam tão embriagados! Mas a Palavra de Deus, mais aguda do que espada alguma de dois gumes, penetrara-lhes o embotado sentido, promovendo o novo nascimento.

Tornaram-se fiéis e agradecidos adventistas — outra ilustração do poder da Palavra, e da verdade de que, estando o coração inteiramente rendido ao Salvador, as doutrinas não apresentam dificuldade. O álcool fôra apenas um substituto daquilo que eles realmente almejavam: a comunhão com Deus e compreensão da Sua Palavra. E prestaram amorosa obediência ao Senhor e a Sua Palavra. — *The Ministry*, nov., 1969.



O que É e o que Não É a Espôsa de Ministro

Para a Espôsa do Pastor

CÉLIA M. CLEVELAND

Espôsa de Ministro, Washington D. C.

DIZ a Bíblia: "O que acha uma espôsa acha o bem, e alcançou a benevolência do Senhor." Isto se verifica especialmente em relação ao ministro do evangelho. Uma boa espôsa é indispensável para o ministro que queira ter êxito. É ela o guarda de sua saúde, de sua reputação e, em grande medida, de sua influência. Ela o pode fazer, ou desfazer. Consideremos essa espôsa, tantas vezes esquecida, e estudemos os campos de sua atividade que possam contribuir para tornar melhor o homem que ocupa o púlpito.

1. Ela não é pastor-assistente da igreja. Deve, portanto, estar ausente das reuniões da comissão da igreja. Para isso existe uma razão básica. A tentação de participar das votações pode-se demonstrar demasiado forte para ela. E o desejo de defender o marido pode por vezes tornar-se-lhe assoberbante. Sua "defesa" pode vir a ser a ruína dêle. Feliz a mulher para a qual a administração da igreja é "tarefa do espôso," e não dela. Tendo a sua própria personalidade, tratando das questões principais com alertada "inocência," e reservando para junto à lareira qualquer conselho que tenha para o marido, ela desempenha da melhor maneira possível seu papel de espôsa de ministro por excelência.

2. Não é ela secretária do pastor. Portanto, não pode comprometer o marido em qualquer combinação, sem o consultar antes. Não deve apresentar em público uma opinião ou atitude acerca de qualquer assunto. Assim ela melhor o protege contra a obrigação de sustentar a opinião da espôsa contrária ao seu melhor julgamento. A espôsa de ministro deve reconhecer essas oportunidades de fomentar eternas discórdias e evitá-las a todo o custo.

3. A espôsa de ministro não é automaticamente elegível para um cargo na igreja. Deve ela declinar de qualquer cargo eletivo que possa ser preenchido por um membro leigo qualificado. A igreja a amará mais, e a influência de seu

espôso será mais duradoura. Deve ela a todo o momento estar disposta a servir a igreja como cooperadora.

4. Não é ela uma expectadora. Algumas espôsas erradamente se divorciam de toda a obra do espôso. Pairam acima da obra e da congregação. Esta atitude pode paralisar o programa do marido e matar-lhe a influência. Os membros raciocinam que, se a espôsa não se interessa na obra do marido, por que se interessariam eles?

Agora consideremos o que a espôsa do ministro deve fazer.

1. Deve tratar da mesma forma a todos os membros da igreja. Não pode ela ser atraída para uma facção ou outra, mas deve mostrar-se amiga e prestimosa em relação a todos. Faz um esforço especial por descobrir os pobres e levar-lhes animação.

2. Se fôr possível, deve ela trabalhar ativamente com os jovens e as crianças. Corais dos jovens e atividades sociais devem ser planejados e mantidos vivos mediante ativa promoção. A espôsa de ministro pode acarretar prestígio a esse ramo de serviço, emprestando-lhe seu ativo apoio.

3. Em campanhas evangelísticas pode a espôsa de ministro prestar serviço especializado. Na obra bíblica as mulheres são especialmente eficientes. Numa visita pessoal ela não só leva o prestígio do nome do evangelista como o poder de sua própria experiência pessoal com Cristo. Eu por muito tempo ajudei a meu marido nesse setor, e tenho tido o privilégio de levar muitas almas ao redil de Deus, em Seu poder e por Sua graça.

Muitas de vocês recuarão diante dessa responsabilidade porque não se prepararam para ela. Talvez esta experiência pessoal as ajude: Certo ministro foi despedido da obra por não produzir. Em outra campanha êle trabalhou voluntariamente, como associado. A espôsa foi contratada co-

(Continua na pág. 20)

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

O Juízo Investigativo

Pergunta 36

Segunda Parte

O Juízo Investigativo na Profecia, em Símbolos e em Princípio Bíblico

COMO demos a entender na Primeira Parte, os adventistas do sétimo dia crêem que por ocasião da segunda vinda de Cristo o destino eterno de todos os homens terá sido irrevogavelmente fixado pelas decisões de um tribunal de juízo. Esse julgamento, é óbvio, terá lugar enquanto os homens estiverem ainda vivendo na Terra. Poderiam êles estar inteiramente despercebidos do que se está processando no Céu. Mas é difícil supor que Deus deixasse de advertir os homens de semelhante juízo imminente e seus resultados. Os adventistas do sétimo dia crêem que a profecia *prediz* de fato esse julgamento, e mesmo designa o tempo em que deve começar. Além disso, a profecia prediz a pregação de uma mensagem de âmbito mundial, proclamada a tôdas as nações da Terra, advertindo de que chegou o tempo do juízo.

I. As Profecias do Juízo

1. *Reúne-se o Tribunal, no Céu.* — O profeta Daniel descreve vividamente uma cena de juízo: "Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de dias Se assentou; Sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça como a pura lã; o Seu trono era chamas de fogo, cujas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante d'Ele; milhares de milhares O serviam, e miríade de miríade estavam diante d'Ele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros. . . . Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem, e dirigiu-Se ao Ancião de dias, e O fizeram chegar até êle. Foi-Lhe dado domínio e glória, e o reino, para que os povos, nações e

homens de tôdas as línguas O servissem; o Seu domínio é domínio eterno, que não passará." Dan. 7:9-14.

Esta cena apresentada ao profeta faz parte de uma visão mais ampla, a dos quatro animais. Estes, conforme a interpretação de um anjo, representam quatro reinos consecutivos, ou domínios, que haviam de reinar na Terra até que o Deus dos Céus estabelecesse um reino, povoado exclusivamente pelos Seus santos. "Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, que se levantarão da terra. Mas os santos do Altíssimo receberão o reino." Vs. 17 e 18. Visto como êsses quatro reinos universais fazem paralelo com a visão de Dan. 2, onde se diz que o primeiro reino representa Babilônia, esta visão de Dan. 7 deve estender-se do tempo do profeta à segunda vinda de Cristo, quando será estabelecido o reino eterno dos justos. É importante observar isso, pois o julgamento descrito nos vs. 9-14 realiza-se antes do tempo do fim. Algumas de suas decisões acêrca do animal executam-se enquanto prosseguem as atividades do mundo. O arrebatamento do domínio do animal que está sob o contrôle da ponta pequena é obra progressiva, que continua "até ao fim." V. 26.

Outra declaração que se encontra na profecia ajuda a localizar o juízo em sua perspectiva certa. Um dos atos do juízo é dar ao "Filho do homem" domínio e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de tôdas as línguas O servissem" (vs. 13 e 14). Isto tem de realizar-se antes da segunda vinda de Cristo, pois quando Ele vier à Terra, em busca dos Seus santos, virá coroado como Rei (Apoc. 14:14; 19:14-16), com tôda a glória de Seu Pai e dos santos anjos. E, de acôrdo com o quadro bíblico da cena, no livro do Apocalipse, ne-

nhum pecador rebelde ousará então desafiar o Seu domínio, mas fugirá, aterrado, de diante de Sua face (Apoc. 6:15 e 16).

Concordamos com T. Robinson "Daniel," *The Preacher's Homiletic Commentary*, quando diz que o juízo aqui predito precede a segunda vinda de Cristo:

Temos diante de nós uma passagem sublime, de esmagadora grandiosidade: a descrição de uma cena de solenidade tremenda. A passagem apresenta-nos o divino trono do julgamento, com miríades de anjos assistentes, e a declaração da sentença de condenação sobre larga porção de seres humanos. O juízo, na verdade, não é como o de Apoc. 20, juízo geral. . . . É, antes, o julgamento do quarto animal, ou seja o Império Romano, com suas dez pontas ou reinos, e mais especialmente a "Ponta Pequena", cujo orgulho, perseguição e blasfêmia a isso dão motivo. . . .

O tempo do juízo. Como já observamos, não é esse o juízo geral, do fim do mundo. Parece antes ser um juízo invisível, efetuado atrás do véu e revelado por seus efeitos e pela execução da sentença. Motivado pelas palavras proferidas "com insolência" pela Ponta Pequena, e seguido pelo arrebatamento de seu domínio, dir-se-ia que já se assentou. Como, porém, a sentença não foi ainda de modo algum executada plenamente, pode ser que esteja assentado agora. — Págs. 136 e 139.

A profecia de Dan. 7 traz outra chave quanto ao tempo do juízo mostrado em visão. Em harmonia com uma interpretação mantida por muito tempo pelos protestantes, os adventistas do sétimo dia crêem que a ponta pequena dos vs. 8, 24 e 25, sejam um símbolo do papado, que proferiu "palavras contra o Altíssimo" e magoou "os santos do Altíssimo," cuidando em "mudar os tempos e a lei" (v. 25). (Ver perg. 28, na pág. 334.) A ponta pequena seria dado poder sobre os santos, "por um tempo, dois tempos e metade dum tempo" (V. 25). Este período de domínio, há muito têm sido interpretado como sendo de 1.260 anos, de 538 a 1798, assinalado que foi este último ano pela prisão do papa pelo general francês Berthier. Foi justamente ao chegar a este ponto da explicação que o anjo disse: "Mas depois se assentará o tribunal para lhe tirar o domínio" (v. 26). Evidentemente o juízo estará assentado quando fôr tirado da ponta pequena o poder.

2. *A Hora do Juízo de Deus.* — No livro do Apocalipse encontra-se uma chave néo-testamentária para se descobrir o tempo do juízo investigativo: "Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquêlê que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas." Apoc. 14:6 e 7. Estes dois versículos são parte de uma visão apresentada ao apóstolo João, na qual êle vê três anjos com consecutivas mensagens aos homens.

Essas mensagens, cremos, hão de ser proclamadas por mensageiros humanos sob a direção de Deus, para advertir o mundo quanto aos finais acontecimentos cataclísmicos e preparar os homens para o encontro com Cristo, em glória.

As mensagens dos três anjos precedem imediatamente a segunda vinda, como é descrita no v. 14 do mesmo capítulo.

Mais uma vez temos a descrição de um julgamento realizado antes da segunda vinda de Cristo. Mas aqui também há que notar um aspecto interessante. Este juízo é descrito na frase "a hora do Seu juízo [de Deus]." Em várias passagens do Nôvo Testamento encontramos a expressão "o dia do juízo" (S. Mat. 12:36; II S. Ped. 2:9; 3:7; I S. João 4:17), quase sempre dando a entender que é o tempo do castigo pelo pecado. O apóstolo Pedro relaciona "o dia do juízo e destruição dos homens ímpios" (II S. Ped. 3:7) com o "dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a Terra e as obras que nela existem serão atingidas" (v. 10). Mas ao nosso entender, a "hora do juízo" é diferente. Aqui está uma mensagem afirmando que "é chegada a hora do Seu juízo," e é proclamada enquanto as nações e tribos estão ainda na Terra, para recebê-la. Há duas outras mensagens a seguir, conclamando os homens a desligarem-se da apostasia, simbolizada por Babilônia, e advertindo-os contra o receber um sinal de aliança a um poder que se opõe a Deus, e é simbolizado por um animal. Impõe-se a conclusão de que o juízo que se deve realizar nessa "hora" é realizado antes de Cristo vir em glória, e enquanto os homens estão ainda na Terra.

Um juízo que deve realizar-se antes do segundo advento, e que deve decidir o destino eterno de todo ser humano, merece ser motivo de suprema preocupação a tôda a humanidade. Se existe algo que os homens possam fazer para influenciar as decisões desse juízo, certamente tôda pessoa deseja saber quando o juízo se há de iniciar e como se pode relacionar com êle a fim de assegurar uma decisão favorável quanto ao seu próprio caso. Os adventistas do sétimo dia crêem que o tempo do juízo é predito na profecia, e que os homens podem precaver-se. Estudaremos a natureza do juízo investigativo, depois de tratar da profecia acêrca de tempo, que fixa a data desse acontecimento importante.

3. *O Tempo do Juízo.* — A profecia bíblica que revela o tempo do juízo encontra-se em Dan. 8:14: "Êle me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado." A relação que há entre a purificação do santuário e o juízo investigativo será estudada na próxima seção. Aqui só trataremos do aspecto tempo da profecia. Nas pergs. 23 e 24 tratamos exaustivamente dos vários problemas exegéticos e interpretativos encontrados em Dan. 8 e 9. Para nossos fins aqui, bastará um breve sumário.

O período de 2.300 dias de Dan. 8:14 deve, cremos, ser interpretado segundo o princípio bíblico de que, em profecia, um "dia" representa um ano de tempo literal. Por outras palavras:

Os 2.300 dias são tempo simbólico. A justificativa bíblica deste procedimento encontra-se em Ezeq. 4:6 e Núm. 14:34. Os 2.300 dias que levam à purificação do santuário, interpretados como anos, vão desde uma data antiga até tempos muito modernos. Na perg. 24 mostramos que a única maneira bíblica satisfatória já proposta para computar esta profecia é começar os 2.300 dias-anos na mesma data das setenta semanas de anos, mencionadas em Dan. 9. Naquele estudo mostramos que as especificações proféticas se cumprem exatamente se ambos os períodos se iniciam com o decreto publicado no sétimo ano de Artaxerxes Longimano e pôsto em vigor por Esdras no ano 457 antes de Cristo. Dois mil e trezentos anos a contar dessa data alcançam o ano 1844 A. D.

Crêem os adventistas do sétimo dia, portanto, que, no plano de Deus, estava programado algum acontecimento importante, que devia iniciar-se em 1844. Na linguagem simbólica da profecia, "o santuário será purificado." Mas perguntará alguém: Porventura a purificação do santuário denota que no Céu se processa um juízo investigativo? A resposta está, em parte, na compreensão da simbologia do antigo santuário dos judeus.

Falsas Janelas

(Continuação da pág. 3)

posto incidente ocorrido nos EE.UU. Dois pastores enquanto viajavam de automóvel, dialogavam sobre a vinda de Cristo. Ao longo da estrada um homem, já idoso, solicitou um lugar no veículo. Eles pararam, convidaram-no a entrar, e continuaram a viagem. Retomaram a conversa sobre o mesmo tema, mas o estranho homem que agora os acompanhava, sentado no banco posterior, interrompeu o diálogo, afirmando que "dentro de seis meses" a guerra haveria de agitar o mundo, e não haveria de cessar até a vinda de Cristo. Quando os nossos pastores olharam para trás, aquele homem havia desaparecido. Teria sido um anjo, mensageiro de luz, concluíram assombrados os nossos irmãos.

Com algumas distorções e variantes esta história tem sido contada por pregadores amantes de sensacionalismo. "Ouí esta história em diferentes oportunidades, durante os últimos dez ou quinze anos"—escreveu o falecido pastor F. D. Nichol. "Mas, ocorreu realmente tal incidente?"—indaga o ex-redator da *Review and Herald*. "A resposta deve ser encontrada através de uma acareação das testemunhas."

"Quando este suposto incidente é analisado à luz da prova testemunhal, sua autenticidade desaparece como incontáveis outros que por aí circulam. . . Devo dizer em forma inequívoca . . . que esta história carece de fundamento."—Questions People Have Asked Me, págs. 117 e 118.

Falsas janelas que não iluminam o púlpito e conspiram contra a integridade da pregação.

Há uma declaração atribuída a Voltaire, usada com frequência em nosso evangelismo: "Estou cansado de ouvir dizer que doze homens estabeleceram a religião cristã. Provarei ao mundo que um homem só será bastante para derribá-la." Esta declaração jamais foi encontrada em seus escritos, nem em qualquer de suas biografias.

Com efeito, uma citação imprecisa também constitui uma falsa janela em uma exposição homilética.

A mensagem que pregamos deve ser revestida de integridade e honradez; e as ilustrações e citações empregadas precisam ser do mesmo caráter.

ENOCH DE OLIVEIRA

O que É e o que Não É a . . .

(Continuação da pág. 17)

mo instrutura bíblica. A princípio ela deixou-se ficar no campo onde nunca dantes tivera essa experiência. Afinal, seu amor ao marido venceu-lhe o temor do desconhecido, e ela concordou em tentar o trabalho. Depois de doze semanas de trabalho fiel, essa boa senhora trouxe quarenta e cinco pessoas a Cristo, como membros da igreja! Minhas queridas irmãs, vocês podem ser as únicas pessoas disponíveis para o auxílio de que seu espôso mais carece. Faltarlhe é entregá-lo a um grau de êxito consideravelmente menor do que é seu potencial.

4. A espôsa do ministro pode também ajudá-lo nas visitas pastorais. Nisto pode ela fazer calar qualquer língua que lhe procure fazer dano. Uma espôsa, sorridente e amiga, ao seu lado, revela a todos tratar-se de uma equipe pastoral que mantém as normas cristãs, procurando animar e ajudar os seus membros. Há, também, as campanhas da Recolta, e muitos outros programas que interessam ao público, e que são válvulas naturais para talentos de nossas espôsas.

Colegas espôsas de ministro, Deus nos deu aos nossos esposos. Sejam nós a bênção e o auxílio que Ele pretende que sejamos! — *The Ministry*, outubro, 1969.